

009. POR UMA NOVA POLÍTICA DE DROGAS

Marcos Rolim
Jornalista

Muito se tem escrito sobre as drogas ilícitas, sobre os efeitos perversos do tráfico de drogas e sua conexão com outros crimes, destacadamente o tráfico de armas. Como regra, entretanto, as abordagens são construídas a partir da moldura do direito penal. Assim, parte-se do pressuposto da ilegalidade e da consequente criminalização de usuários e vendedores. Há aqui tantos preconceitos que a matéria transformou-se em um condensado opaco capaz de desafiar a razão pelo conjunto de interdições morais a ela associadas. Penso que devemos enfrentar esses limites lembrando Matutali, escritor holandês muito estimado por Freud, para quem "os que se curvam aos preconceitos do seu tempo agem como eunucos morais".

As políticas contra as drogas na América Latina têm seguido os passos da "War on Drugs" proposta pelos EUA. Por esta abordagem, os governos pretendem livrar a sociedade das drogas com medidas especialmente repressivas. Após décadas de experiência, esta política colheu um retumbante fracasso. Mesmo assim, seus seguidores não se cansam de propor doses mais fortes do mesmo remédio com a neurótica repetição de medidas punitivas acompanhadas pelos discursos ideológicos de sempre.

A maioria dos países europeus tem realizado um movimento oposto. Também na Europa há muitas diferenças e as experiências antípodas são oferecidas pela política holandesa de tolerância, por um lado e pela abordagem repressiva da Suécia, por outro. O modelo holandês - tão criticado em seu início - exerce uma influência cada vez maior como o demonstram as recentes posições descriminalizadoras adotadas por Portugal, Alemanha e Bélgica, notadamente com relação à maconha que possui pelo menos 40 milhões de consumidores na Europa. Os holandeses sustentam que o objetivo de "erradicar as drogas" é simplesmente irreal e que a dependência química deve ser tratada como um problema de saúde pública e não como um caso de polícia. Eles implementaram programas de redução de dano, desenvolveram centros de reabilitação e permitiram a venda em "coffee-shops" de pequenas quantidades de maconha. Com isso, operaram uma divisão no mercado entre as drogas leves e as drogas pesadas, desenvolvendo uma repressão seletiva ao tráfico. Imagino que esta experiência encerre verdades básicas que, entre nós, têm sido enterradas pelo discurso moralista dominante. O resultado é a "vegetação vingadora" das quadrilhas de traficantes, dos massacres nas favelas, da superpopulação prisional, da ausência de alternativas de tratamento para os dependentes e da corrupção que atinge a Polícia e se espalha por todas as instâncias do poder. Por estes e outros efeitos, nunca foi tão evidente a necessidade de se mudar os rumos da política de drogas em nosso país. Mas, talvez, essa seja uma sociedade que precise mais da mentira do que da verdade. Talvez a mentira seja, inclusive, nossa "droga" predileta. A droga do poder, por excelência. Talvez.